

O INTEGRALISMO E AS MENSAGENS COMOVENTES NA IMPRENSA MILITANTE: A NOVELA, A PROFECIA E A MORTE

THE BRAZILIAN INTEGRALISM AND EMOTIONAL MESSAGES: THE *FEUILLETON*, THE PROPHECY AND THE DEATH

Rafael ATHAIDESⁱ

Resumo: O presente artigo analisa as manifestações discursivas de militantes da Ação Integralista Brasileira em torno do universo afetivo, mais especificamente, o uso de mensagens comoventes por meio dos periódicos do movimento na década de 1930. Para tanto, o estudo elegeu três diferentes manifestações de mensagens comoventes para a análise, no intuito de ilustrar as estratégias pelas quais os jornalistas do fascismo brasileiro almejavam insuflar as emoções de seus militantes e/ou de potenciais novos adeptos. A primeira delas é uma narrativa em forma de novela, que versa sobre a conversão de um sertanejo ao movimento integralista; a segunda, uma descrição espetacular de um evento ‘sobrenatural’, envolvendo o ente metafísico máximo dos fascismos, a nação; por fim, a terceira compreende um conjunto de narrativas produzidas em torno de práticas ritualísticas da AIB ligadas à morte. Utilizou-se, para tanto, o jornal integralista curitibano *A Razão*, de 1935, além de pequenos excertos do jornal nacional da AIB, *A Offensiva* de 1934 a 1937.

Palavras-Chave: Ação Integralista Brasileira; afetividades políticas; imprensa integralista.

Abstract: This article analyzes the discursive manifestations of Brazilian Integralists militants around the affective universe, specifically, the use of emotive messages through the movement’s newspapers of the 1930s decade. Therefore, the study chose three different manifestations of emotive messages for the analysis, in order to illustrate the strategies which journalists of Brazilian fascism aim to increase the emotions of its members and / or potential new fans. The first is a narrative as a *feuilleton*, that deals with converting a backwoodsman to the integralist movement; the second, a spectacular description of a ‘supernatural’ event, involving the supreme metaphysical entity of fascism, the nation; Finally, the third are narratives produced around Integralists practices related to death. It was used in this study the integralist newspaper *A Razão*, published in 1935, as well as the national newspaper of AIB, *A Offensiva*, published between 1934-1937.

Keywords: Brazilian Integralist Action; political affectivity; integralist press.

Transformemos a ideia Integralista em sentimento Integralista.

Manifesto integralista aos estudantes do Paraná, 1935

No estudo clássico de Marilena Chauí sobre a Ação Integralista Brasileira, a filósofa sugeriu que, em inúmeros de seus discursos, o movimento fascista nacional se utilizou amplamente de imagens, em detrimento de conceitos (CHAUÍ, 1978). Acrescentemos a isso, que a AIB se valeu amplamente de *imagens comoventes*, cujo

ⁱ Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR - Brasil. Professor de História Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: rafael.athaides@gmail.com.

objetivo primordial e por vezes declarado era a mobilização das afetividades em intensidade, ao invés de reflexões rebuscadas. Não sustentamos, com isso, que tais reflexões estivessem ausentes em todo e qualquer discurso integralista/fascista. Invariavelmente, por mais estranhas que fossem, as construções conceituais dos fascistas se mostravam recheadas de certa lógica interna para fins de convencimento, o que exigia uma reflexão rasa. Contudo, somente essas construções não explicam a capacidade do tipo particular de adesão passional que o integralismo, enquanto fascismo, suscitava.

É fato que muitos adentravam à AIB, sem mesmo conhecer aspectos elementares da doutrina; em outras palavras, sem fazer qualquer reflexão mediana sobre ideias, programas, ou seja lá o que saísse da boca dos militantes, oradores ou jornalistas. Os próprios líderes sabiam disso e tentavam explicar o fato ‘naturalizando’ a adesão:

Ha muita gente que diz, que inúmeros integralistas entram para as fileiras do Sigma, sem saber o que é o Integralismo... É muito natural... Todo o mundo sabe também, que quando um indivíduo entra para um colégio, ali ele aprende, que é mamífero e vertebrado. Mas, vertebrado e mamífero, ele já era desde que nasceu... (A RAZÃO, 17 mai. 1935, p. 4).

Abordaremos, no presente artigo, três diferentes recursos discursivos para a criação de imagens comoventes, utilizados pelos jornais de militância da Ação Integralistas Brasileira, nos anos 1930: a construção de uma novela escrita, as elaborações sacralizantes, em tom profético, em torno da nação e algumas narrativas em torno da morte.

A novela

Entendemos a imagem – ou mensagem – comovente, como a ‘teatralização’ ou a ‘emotivação’ do conceito (nesse campo é impossível escapar do neologismo). Nesse sentido, nada mais teatral do que o uso de certos gêneros literários. Tomemos como exemplo um conjunto de escritos publicados no hebdomadário integralista *A Razão*, em 1935, de Curitiba. Os textos abordam um ponto fundamental do programa integralista/fascista: a unidade nacional (ou o antifederalismo). Sobre esse assunto, um discurso qualquer, visando o convencimento, poderia elaborar assertivas ‘universais’ do tipo: ‘as barreiras alfandegárias estaduais são um entrave para o crescimento econômico

nacional' e, a partir disso, discorrer densamente sobre o tema, levantando ponderações sobre os problemas de uma política fiscal interestadual em um bloco geográfico coerente.

Não obstante, o jornal integralista preferiu apresentar o tema em forma de novela, publicada em 4 longos capítulos, em edições diferentes e recheada de imagens telúrico-emotivas, cujo cenário falava diretamente aos homens circunscritos a certas localidades dos sertões paranaenses/brasileiros. Os textos foram divulgados no *A Razão*, nos seguintes números (com seus respectivos títulos): nº 8 (“Enquanto o chimarrão corre...”), nº 11 (“Filhos da Campanha”), no nº 13 (“Está resolvido!”) e no nº 17 (“Desabafando...”). São capítulos recheados de altas doses do típico nacionalismo telúrico e econômico pliniano, além do tradicional anticomunismo primário.

A ‘novela’ foi criada por um escritor local, além de Chefe Municipal Integralista, Antonio Alceu Araújoⁱ, e só se torna a nós inteligível em seus efeitos comoventes, se os capítulos forem lidos em sequência e sem prévia informação sobre seus personagens; ou seja, da mesma maneira com que a maioria dos leitores teve contato. Em síntese, a novela apresenta a história ‘fictícia’ da conversão à AIB de um sertanejo de nome Xanduca, um matuto dos campos de Palmas (município do extremo Sul do Paraná, que conta com uma geografia peculiar: um planalto de temperaturas baixas). Xanduca recebera a visita de seu primo, outro matuto de nome Venâncio, recém converso ao Integralismo, filiado ao núcleo da cidade mais próxima; depois de longa prosa, o personagem principal decidiu, num lampejo, encilhar o cavalo e ir à cidade com o primo jurar fidelidade à AIB. Depois de assustar Venâncio com a decisão repentina, Xanduca apresentou longa explicação para sua disposição política: tentara vender gado a um paulista, que desistiu da compra no último momento, quando soube que o vendedor não poderia arcar com as despesas alfandegárias. Pela extensão dos textos não será possível reproduzi-los aqui, mas tentaremos apresentar ao leitor uma síntese que contenha os elementos emotivos que pretendemos iluminar no discurso integralista.ⁱⁱ

Em “Enquanto o Chimarrão corre...”, de 22 de junho de 1935, Alceu descreve uma roda de chimarrão de “fazendeiros” de Cruzeiro do Sul (hoje Joaçaba), região contestada por Paraná e Santa Catarina, que “proseavam” sobre os “absurdos” do imposto sobre a cabeça de gado. Em certo momento “a prósa, que começara tão amena e cordial, se azedára [...] surgindo um natural sentimento de revolta, de aversão ao regime vigente” (A RAZÃO, 22 jun.1935, p. 5). Um “amuado” integrante da roda se manifesta contra a falta de assistência do governo, que se lembrava dos sertanejos

apenas em época de eleição: “e aquelle matte, que principiára tão bom, tão gostoso, já amargava no correr desta conversa desoladora e dolorosa, mais real, mas tyrannicamente real” (A RAZÃO, 22 jun.1935, p. 5).

A roda é interrompida, no fim da tarde, pela presença de um cavaleiro, vindo da “coxilha fronteiraça”: “É o Venancio. Vem da cidade”. Venâncio, personagem-chave da trama de Alceu – aqui ainda um simpatizante –, é prontamente inquirido pelos homens da roda sobre “esse partido novo” que surgiu na cidade, pelo que responde:

- Ah, o Integralismo?! Pois para lhes dizer a verdade, o que eu sei é que elle é a fala lá na cidade. E está forte. Conta com gente boa. Tem séde e está trabalhando com fé. – Pois olhe, diz outro, eu li um manifesto do Chefe, e gostei do seu conteúdo. – Mas será que é assim mesmo? – É sim, retorquiu, positivo, o recémchegado; tive oportunidade de falar com o Chefe e outros camisas-verdes e fiquei convencido da sinceridade da sua pregação. – Tomára que sim! Só assim a nossa vida ha de melhorar. – Melhora, lhes garanto! Exclamou o disposto sympathisante. O Integralismo é a salvação do Brasil. Ai de nós se elle não vencer! Virá o communismo. – O communismo? Nem diga! – Sim, o communismo, pois a tal de Aliança Nacional Libertadora nada mais é que o communismo disfarçado. Descaradamente mascarado. Podem crer! Assisti a uma sessão e fiquei sabendo cada coisa (A RAZÃO, 22 jun.1935, p. 5).

A partir de então, Venancio entra no assunto que circulava na roda de chimarrão antes da sua chegada, trazendo a panaceia do Integralismo:

E Saibam mais: o Integralismo combate as barreiras entres os Estados, acabará com esse absurdo imposto de Estado para Estado, como si a gente passasse de um paiz para o outro, como si não estivessemos sempre dentro da nossa querida Patria. Então, poderemos vender livremente os nossos gados, os nossos productos. A nossa situação melhorará. Seremos amparados pelo Governo. Teremos representação. Teremos força. Teremos, em summa, uma realidade, um valor dentro da Patria. Os outros ouviam-no em silencio, bem impressionados, dominados pela fala convincente do ardoroso catechumeno. E uma suavidade bonacheirona pousou sobre aquelles corações judiados, dando lugar a que um comentasse com acerto: - Arre! Que essa tua nova nos consola de muita contrariedade, de muita descrença; nos enche de coragem (A RAZÃO, 22 jun.1935, p. 5).

Em “Filhos da Campanha”, Venancio, já converso ao Integralismo, realiza uma visita ao primo Xanduca na fazenda e, entre abraços e prosas, percebe o matuto acabrunhado, como não lhe era de costume: “Mas aquelle dia a fronte sympathica do Xanduca se anuviou um instante [...]. Aquilo foi rápido; mas deu para o Venancio notar que alguma coisa se passava no intimo daquella alma boa e simples dos campos” (A

RAZÃO, 12 jul. 1935, p. 2). Xanduca insistiu para que Venancio ficasse na fazenda por algumas horas para “desabafar”, mas o jovem alegava ter um compromisso inadiável na cidade:

Vou jurar!

– Jurar?!

– Ué, mas que admiração é essa!

– Então você não sabe? Não ouviu dizer que ando por toda campanha, já há tempo, a fazer como um apóstolo, a pregação do Integralismo? Já falamos mesmo a respeito dele.

– Sim, Venancio, eu sei de tudo isso, mas você vai jurar de verdade?

– Ora dá-se home! Que duvida! Não vou, já estou indo! É hoje de noite, si Deus não mandar o contrario.

– Bom, agora eu é que faço empenho de não lhe preterir (A RAZÃO, 12 jul. 1935, p. 2).

Num súbito de entusiasmo, Xanduca decide fazer o mesmo, mas oculta o fato de seu primo, que dormia na relva, enquanto o matuto preparava o cavalo:

– Pois é, monologava o Xanduca, enquanto olhava, enternecido, para o amigo que cochilava – eu também vou, que diabo! A gente precisa ser homem! E depois si o Integralismo é mesmo como diz Venancio, a gente tem até obrigação. É um dever dos brasileiros. Dos caboclos de brio! Então isto póde continuar assim? É só imposto e mais imposto. E nada! O que o governo nos dá? Não nos protege, não nos ajuda em nada. E o communismo, ainda, a querer nos tomar o que é nosso. O que ganhamos dos nossos antepassados – o Brasil! Esse Brasil suado das Bandeiras. Esse Brasil marcado de cicatrizes das lutas da Conquista. Não. Qu’esperança! Esses patifes errarão o vão. Mostraremos com quantos páos se faz uma cangalha. Havemos de ver!... Está decidido, vou jurar também! (A RAZÃO, 12 jul. 1935, p. 2).

O penúltimo capítulo intitula-se “Está resolvido!” e trata dos momentos anteriores à viagem para a cidade e o juramento de Xanduca ao Integralismo. Aqui o texto ganha contornos telúricos e novelescos, característica dos escritos de Alceu, com a descrição das atividades cotidianas da fazenda (como o tradicional “café com mistura” da tarde) e de uma paisagem quase viva:

Depois, olhou a vastidão ampla e sossegada da campanha larga que, desacorçoada, dormitava debruçada no alto das coxilhas altaneiras. Estas, activas, aprumadas, continuavam a balisar as distancias perdidas na lonjura, por sua vez afogada nas brumas longinhas do sertão azul-negrejando lá longe, prás bandas do sul... [...] (A RAZÃO, 30 jul. 1935, p. 4).

Xanduca se preparou, acordou seu primo, mas de pronto não lhe contou que iria “jurar”; inventara uma desculpa para ir à cidade junto com Venâncio. O início da viagem se deu no fim da tarde:

Havia de ser quatro e tanto quando montaram a cavalo. Aquellas quatro léguas, naquelles cavallos garantidos, elles fariam num pulinho. Cortavam chão aquelles animaes! E aquella noite, si Deus permitisse, jurariam! Pois Xanduca, embora o outro ignorasse, tambem ia com esse firme proposito. Seria, como o outro, tambem Integralista. Nada o demoveria dessa “tenção” (A RAZÃO, 30 jul. 1935, p. 4).

Finalmente, no capítulo 4 (“Desabafando...”), Xanduca revelou a seu primo, em meio ao caminho, que também iria à cidade “jurar” e os motivos da decisão:

Prósa vae, prósa vem, ás tantas, quando venciam um repecho forte do caminho, elle, animando-se, desembuchou serio, com a língua um tanto travada e a vóz tremida: Você nem calcula o que vou fazer na cidade. E o outro, naturalmente: – Não mesmo [...].
– [...] Vou pelo mesmo motivo que você vae.
– Como!
– Pois é o que lhe estou dizendo: também vou jurar [...] (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

Agraciado com a notícia, Venancio se sentiu recompensando e surpreso, mas sem coragem para inquirir o matuto sobre os motivos da decisão. A explicação veio por iniciativa própria de Xanduca:

– Você sabe bem que eu tinha uma ponta de vaccas gordas pra vender. Não vendi antes porque as ofertas foram baixas. Pois bem, vá escutando: há de fazer duas semanas, me appareceu lá em casa o Tancredo Sizudo, que você conhece, e me fez um bôa proposta: dava 150\$000 pela vaccaria. Quanto ao preço, ficamos certos. Só dependia da vista do gado. Si agradasse, estava feito o negócio. Mostrei-lhe a vaccaria, que estava na internada “Pinheiro Sózinho”, e elle se agradou muito, Pediu-me um pequeno refugio, no que não puz duvida, e lá mesmo, no rodeio, fechamos o negocio [...] (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

O ponto de inflexão na negociação se deu quando o comprador perguntou se receberia o “gado guiado”, por aquele preço. “Guiado”, significava descontado de impostos, em virtude da guia de recolhimento interestadual. Para Xanduca, a partir de então, o negócio se tornou desfavorável, pois teria que pagar 24\$000 por cabeça, o que reduziria drasticamente o lucro.

Prefiro, a fazer maú negócio, perder o engorde do gado. Então eu hei de me sujeitar a esse abuso? Era só o que faltava! Não darei esse

gosto... Vendo o gado na minha casa, nada tendo que ver com as complicações dessa divisa, que só serve pra dar dôr de cabeça na gente [...] (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

Em seguida, Xanduca subtraiu a culpa ao comprador e explicou: “Ora seu Tancredo [...] Nós somos as vítimas! O culpado, o único culpado é o Governo, que criou, só pra nos sacrificar, essas barreiras absurdas” (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2). Voltando ao tempo narrativo da caminhada e da prosa, o contrariado homem da campanha foi direto ao ponto: “tenho ou não razão de querer jurar? Pois o Integralismo não promete acabar com essas barreiras idiotas?” (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

Depois de muito lamento e de exclamações de “barbaridade!”, Xanduca foi “serenando”, confortado pelas verdades e esperanças de mudança do Integralismo:

Não ha de ser nada! Pra que é que veio o Integralismo? Não foi pra acabar com tudo isso? Com essa inconsciência do regime actual? Com essas barreiras contra-mão? Que só têm uma serventia: agravar ainda mais a animosidade existente entre Estados irmãs, que vivem em rixas constantes, um querendo ser mais que o outro, cada qual procurando lograr, prejudicar o visinho. E nós venceremos! Somos a rebeldia massacrada de uma Nação mal servida e descontente, Agora já somos invencíveis. Porque o nosso guia supremo é Deus! [...] (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

Para concluir a história, Alceu lançou mais alguns parágrafos de descrição minuciosa de uma ‘campanha viva’ e finalizou associando “aquella viagem [à] caminhada gloriosa do Integralismo!”:

Os dois vultos, sumindo-se ao longe, depois de terem vencido todos os contra-fortes da jornada, personificavam o proprio Integralismo!... o Integralismo, transpondo todas as dificuldades e chegando afinal ao seu Destino!...” (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 2).

Num dos últimos números do *A Razão*, Araújo sugeriu que personagem Venâncio era um militante real, de nome Venâncio Milhomens, uma espécie de “pregador dos campos”, que atravessou a campanha divulgando o Integralismo por regiões ermas (A RAZÃO, 23 out. 1935, p. 5). Nesse ponto, as trajetórias de Venâncio e de certo militante palmeano, de nome Juvenal, parecem ser a mesma.ⁱⁱⁱ Se Venâncio Milhomens nunca existiu, certamente Juvenal serviu de inspiração para o matuto de mesma fé. Qual não foi a reação dos leitores ao saberem que um homem com tal desprendimento existia? Esse talvez seja o grande efeito de sentido dessa novela: a

revelação da sua ligação com a vida real. Aos palmeanos, que conheciam Juvenal, o efeito pode ter sido ainda maior.

A profecia

Os inúmeros traços dos fascismos advindos do universo religioso são notáveis. O historiador britânico Roger Griffin (2008) chegou a postular afinidades entre os símbolos e ritos cívicos fascistas e seus ‘predecessores’ durante a Revolução Francesa, cujo Festival da Razão de Robespierre pode ser citado como exemplo máximo. Os Festivais da Federação e da Razão, os Altares Patrióticos, as Cocardas tricolores, as Árvores da Liberdade, ícones amplamente utilizados após 1790, compunham um complexo simbólico da prática política criado pela Revolução, que visava manter o caráter numinoso do símbolo e do rito na esfera do político – com a característica peculiar de prescindir da divindade concreta, em favor da Razão (HUNT, 2007). Os fascistas prescindiram das divindades concretas, mas, ao invés da razão, lhes superpuseram cultos cívicos fundamentados nos mitos telúricos e nos heróis passados. Os integralistas acrescentaram a isso, contraditoriamente, o catolicismo.^{iv}

A “sacralização da política” (LENHARO, 1986), no Integralismo, por sua vez, se processou complexamente e é muito provável que se tornasse mais abundante em metáforas sacras se tivesse se apossado do poder. As tradicionais festas cívicas nacionais, como o 7 de setembro, eram amplamente ritualizadas, ganhando um sentido mais profundo de culto sacro, que o sentido que já lhe atribuiu o nacionalismo corrente (por si só, já imbuído de numinosidade). Isso se dava por meio da combinação dos tradicionais signos pátrios (depois de certas adaptações, como no Hino Nacional) com os novos signos criados pelo Movimento e combinados com formas litúrgicas e signos católicos.

A título de exemplo, o militante Jorge Lacerda (à época estudante de medicina, futuro governador de Santa Catarina) descreveu um verdadeiro ‘ato de contrição’ pessoal para o 7 de setembro de 1935: “Dentro de cada coração ergue-se um altar onde recolhidamente, o brasileiro se ajoelha, para rezar as suas preces mysticas, para cantar os hymnos sagrados das grandes lithurgias cívicas!” (A RAZÃO, 06 set. 1935, p. 1). Lacerda, na continuação do texto acima citado, passou de uma dissertação para uma oração, no sentido religioso do termo, porém, direcionada à divindade secular/telúrica. Ao se reportar aos que renegaram a pátria (tanto os que o fizeram pela condição de

“miseria”, ou “alma” dilacerada, quanto os que abraçaram o “ouro de Moscow ou de Rotschild”), Lacerda deprecou:

Oh meu Brasil! Eles não têm culpa. Forças ocultas interesseiras agitaram-nos, fazendo-os descrentes das nacionalidades e das Patrias. Eles que necessitam de ti, oh Brasil, porque necessitam de uma Patria, seguem os falsos messias de doutrinas falsas, indivíduos muitas vezes ricos, que não precisam das Patrias, porque podem viver burguesamente em qualquer dellas! (A RAZÃO, 06 set. 1935, p. 1).

O universitário prosseguiu, aprofundando a comparação em meio à sua prece:

O “Dia da Patria” para a Nação, é como o Dia do Natal para a Família Christã. E tú, oh Brasil, celebrarás o “Dia da Patria”, como celebram os lares pobres e as choupanas tristes o seu Natal modesto. Tu és pobre, não tens dinheiro, não tens crédito, não tens a força das grandes potencias, és tão ridicularizado. 7 de setembro é teu Natal! E o teu Natal é igual ao Natal dos lares humildes. Tu bem sabes por que... [...] (A RAZÃO, 06 set. 1935, p. 1).

Essas formas simbólicas, com requintes do catolicismo, apareceram também no discurso ao Reitor da Universidade do Paraná, em 7 de setembro de 1935. Naquela data, os acadêmicos integralistas – tinham bom trânsito entre alguns professores e administradores da UPR – inventaram uma cerimônia para presentear instituição com a bandeira nacional. O reitor, Dr. Victor do Amaral, recebeu uma comissão de camisas-verdes e pareceu ter acolhido “com entusiasmo” a ideia, como disseram os militantes: decidiu que a entrega da bandeira faria uma cerimônia da própria Universidade (a inauguração de dependências da Faculdade de Medicina) (A RAZÃO, 23 ago. 1935, p. 1).

O mais entusiasmado militante, Jorge Lacerda, foi escolhido para a cerimônia do oferecimento da bandeira, quando todo um ritual foi encenado nas ruas, quase competindo com os desfiles cívicos tradicionais do 7 de setembro. Centenas de integralistas se agruparam na Sede Provincial, no centro de Curitiba, para conduzirem a bandeira até a Praça Santos Andrade (sede da UPR), passando pela Rua XV de Novembro, onde cantaram ardentemente em todo o trajeto: *Avante, Avante, pelo Brasil toca a marchar / Avante, avante, Nosso Brasil vai despertar*, o hino integralista. A chuva levou todos para o salão nobre e Lacerda tomou a palavra:

Dr. Victor do Amaral, vimos deante de vossa veneranda ancianidade [sic], oferecer a Bandeira do Brasil, neste dia, em que os brasileiros entoam as grandes lithurgias cívicas, deante do altar magnifico da

Patria, erguendo a hóstia sacrosanta desta Bandeira (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 6).

Na sequência desse discurso polêmico^v, o jovem falou como se recebesse a própria ‘mãe gentil’ em espírito (!), para que pudesse entregar aos “filhos” uma espécie de revelação, ou profecia:

[Ouço nesta solenidade] uma voz misteriosa e triste, que não [sei], si se [levanta] da terra ou si [desce] dos céus. E ella [diz]: “Meus filhos, eu sou a Patria que há 400 annos dorme embalada pelo calor dos trópicos! Hoje, que comemoro o anniversario da minha Independencia, devo dizer-vos, que ainda não sou completamente livre e independente! Sou preso a ignorância de 300.000.000 [sic] de meus filhos e ao depauperamento de 20.000.000 [sic] de brasileiros doentes, esquecidos na larga extensão verde de meus sertões abandonados! Sou preso á incultura geral que me mata e á falta de ideal que me aniquilla! Sou preso ás dividas dos gananciosos argentarios intenacionaes! Um dia [...] um jovem, meu filho, o genial Castro Alves, de quem disse, um meu pensador, que si o Amazonas cantasse deveria chamar-se Castro Alves, dirigiu ás dobras de minha Bandeira, essas estrofes de fogo, verberando a escravidão negra! [versos de Castro Alves foram recitados]. Hoje, que sou considerado colônia, povoada de escravos brancos, ainda ouço a rebeldia daquelles versos! Mas eu confio em vós, meus filhos, na grandeza da vossa bravura e na intelligencia dos vosso cerebros! E a vós misteriosa se cala! (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 6).

Elemento típico do universo religioso, a profecia vem aqui sacramentar ainda mais a relação do ente metafísico da adoração, a nação, e seus “filhos”. Entretanto, a situação *sui generis* da AIB requereu uma adaptação por parte do profeta: entre os mitos telúricos (típicos de todo fascismo) e o catolicismo (específico da AIB), o enunciador preferiu se referir aos dois para explicitar a origem da “voz misteriosa”: “não sei, se se levanta da terra ou se desce dos céus”. Deus e nação não podem falar no mesmo lugar, mas são igualmente sagrados para o fascismo católico brasileiro.

A morte: as vozes do além e o ato do “passamento”

Não é nenhuma novidade a potencialidade afetiva dos eventos que circundam o fim da vida humana, ou do fim imaginário da vida de entes imaginários (como a nação). Segundo José Gil, é característica do próprio discurso nacionalista, em geral, uma relação com a morte que engendra a ideia de perenidade da nação no tempo: “de facto se a nação nunca morre, é porque há sempre vivos que morrem por ela” (1989, p. 299).

Para além dessa ‘comum’ relação de todo nacionalismo com a morte, no Integralismo, os mortos e moribundos tiveram um papel fundamental nos discursos e nas práticas. Os defuntos, por assim dizer, estavam muito mais ‘próximos’ do militantes camisas-verdes do que de quaisquer outros militantes de partidos nacionalistas contemporâneos: os mortos ‘enviavam’ mensagens de admoestação do além e ‘ressuscitavam’ entre os camisas-verdes. Ao mesmo tempo, militantes moribundos se manifestavam passionalmente no instante do sopro final, para que as emoções daquele minuto mobilizassem outros em vida.

A despeito de todo o catolicismo do Movimento, o mesmo Antonio Alceu discursava abertamente sobre a nova geração integralista, não como descendente dos antigos bandeirantes, mas como “elles proprios, os antigos Bandeirantes resurrectos de seus tumulos veneraveis”, que se colocaram “a trabalhar de novo um Novo Brasil!” (A RAZÃO, 05 jul. 1935, p. 6).^{vi}

Jorge Lacerda, por sua vez, ao admoestar a inercia popular frente à “hora tragica” em que o país vivia, abriu os jazigos militares:

E nesta hora, em que 400.000 patricios já estão de pé, tenhamos a certeza de que, si nesta hora tragica na Nacionalidade, os brasileiros não se levantassem, continuando ‘deitados eternamente em berço esplendido’, **da lousa fria dos túmulos, se ergueriam revoltados, os fantasmas dos heróes das nossas batalhas que morreram sonhando com uma Patria maior. E eles, empunhariam o chicote das iras patrióticas, e ensinariam ao povo brasileiro a ter honra e a ter dignidade!** (A RAZÃO, 24 mai. 1935, p. 1, grifo nosso).

Em outro excerto, a mística indigenista foi explorada pelo mesmo Lacerda, resgatando ensinamentos históricos tupis e trazendo de volta o espírito de um chefe indígena para falar com os integralistas. O cacique “Cobra Feroz”, ou *Ararigboia* em tupi, indígena que participou da expulsão dos franceses do litoral carioca em meados do século XVI, voltou do além para conclamar:

“Oh brasileiros, ouvi a palavra selvagem de um antepassado vosso, que se levanta neste instante, para um appelo á honra e á dignidade de um povo! Eu vos conclamo patricios, contra as hordas vermelhas que pretendem atravessar o Atlantico, para macular o solo virgem da nossa Patria! Eu vos lembro, como incitamento, o heroismo dos meus legendarios índios, quando marchamos com estrondo sobre os invasores estrangeiros, provocando na natureza brasileira, uma trepidação verde de orgulho e de entusiasmo! Brasileiros, escutai-me. Arrancai da propria terra, o Symbolo e o estandarte para a lucha: envergai a camisa da côr das nossas mattas e desfraldai a bandeira da côr dos nossos céus!” (A RAZÃO, 05 jul. 1935, p. 2).

Vivificado como um característico ‘cacique fascista’, Ararigboia – por meio de seu avatar – levantou a possibilidade de exterminar seu próprio povo, caso ele se resigne em vestir e morrer pela camisa verde. Num surto narcísico, evocando as “forças da natureza”, o enunciador propôs o aniquilamento do outro, para não vê-lo diferente de si mesmo:

E, si isto não fizerdes brasileiros, que as aguas revoltas de todos os rios e do todos os oceanos inundem e suffoquem as terras do Brasil, para que desapareça para sempre, um povo que não soube viver com honra e que nem soube morrer com gloria (A RAZÃO, 05 jul. 1935, p. 2).^{vii}

Nos dois excertos de Lacerda, o do militar e o do indígena, o constructo integralista da nação brasileira é superior àquela coletividade humana que o subjaz. No primeiro, os heróis passados da pátria chicoteiam os homens punindo-os; no segundo, os exterminam. Sem usar maldições antepassadas, dez anos mais tarde vimos um chanceler ordenar a morte de seu próprio povo nos últimos dias de Berlim, em 1945. A justificativa? A mesma de Ararigboia: “um povo que não soube viver com honra e que nem soube morrer com gloria”.^{viii} Não sabemos o que viria depois da vitória integralista, nem cabem aqui altas conjecturas, mas é possível imaginar que alguns militantes integralistas, como Lacerda, sabiam que, cedo ou tarde, “o monstro [começaria] a devorar seus próprios filhos” (ARENDDT, 1989, p. 357).^{ix} O apego inelutável à lógica interna da ideologia tem o poder de “devorar [...] a substância original” da ideia (a “nação brasileira”, composta por pessoas), na medida em que é “posta em prática” (ARENDDT, 1989, p. 525).

Após a extinção da AIB, alguns militantes parecem ter alimentado essa sede de vingança contra seus pares, aqueles brasileiros que não souberam “viver com honra” na época do Integralismo. Num poema anônimo, que remete ao período da Segunda Guerra, encontrado no dossiê da DOPS sobre militante guarapuavano Antônio Lustosa de Oliveira, o autor não precisou de um Ararigboia para desejar a destruição dos “condidadãos”:

VINGANÇA DE UM JUSTO

Obedeci cegamente
Ao grande Chefe Tônico [Plínio Salgado]
Por isso mal não me fico
Com a integralista gente.
Odiado vou com a esperança
Que a nazi-nipo bonança

Mate os meus concidadões [sic];
Que a minha pátria, vencida,
Seja pisada e batida
Por facistas e nipões
(DOPS/PR, Pront. 360, fl. 7).

Outro elemento que nos chama a atenção no discurso ‘de morte’ da AIB é que, em muitos excertos, de fato, ele parece contrariar dramaticamente a própria doutrina católica e seus rígidos dogmas sobre a relação vivos/mortos (sem levar em conta as constantes ameaças mórbidas). Em dezenas de textos os camisas-verdes se colocam como portadores ou profetas das vozes genéricas de povos que ocuparam o Brasil pré-cabralino:

O Brasil até agora não viveu como está vivendo nas hostes dos “Camisas-Verdes”, que faz surgir a voz da terra nas raças anthropologicas do nosso povo, e, unidos, todos, a uma voz, cantam patrioticamente, apontando o novo caminho a seguir, caminho da gloria, sim, mas tambem, o trilho espinhoso do sacrificio. E a mocidade da Terra de Santa Cruz está a postos (A RAZÃO, 10 ago. 1935, p. 2).^x

Além das ‘vozes misteriosas’, Lacerda invocava corriqueiramente os heróis mortos da pátria. Para a comemoração da vitória na Batalha de Tuiuti, o General Osório, “o Centauro dos Pampas”, juntamente com uma miríade de “martyres, herois e sonhadores” saíram dos túmulos:

Camisas-verdes! No dia de hoje, evoquemos o espirito do Ozorio, o espirito tambem, de todos os heróes, que no fragor imortal das nossas batalhas, luctaram pela gloria o Brasil! Façamos esta evocação, nesta hora triste para a nossa Patria, em que os políticos pretendem lançar a discórdia e a indisciplina no nosso Exercito, neste instante em que o Brasil anda tão desacreditado no Extrangeiro! Evoquemos o seu espirito, nestes dias, em que os quarteis já não dormem sossegados, em que a Patria se desorganiza e em que o sinistro Capitalismo Internacional sonha com suas bandeiras negras, tremulando no topo das nossas alfandegas! Camisas-verdes dos sertões e das cidades, evoquemos tambem, o espirito imortal de todos os nossos martyres, heróes e sonhadores, que tudo fizeram para despertar uma Nação que dormia! (A RAZÃO, 24 mai. 1935, p. 1).

Os momentos anteriores ao passamento para a milícia do além e os rituais em torno do falecimento de militantes também receberam lugar de destaque na imprensa integralista paranaense. Algumas manifestações de militantes moribundos, com suas inusitadas e apaixonadas exigências, foram constantemente ventiladas no intuito de

abalar ou comover ‘os que ficaram’. No velório de um militante, assassinado em Bocaiúva por motivos não políticos, o Chefe Municipal Archias Pereira relatou:

O nosso extinto companheiro, não obstante seus 17 anos de idade e sua falta de cultura, era um ardoroso soldado do sigma, tanto que suas últimas palavras foram essas: ‘vou morrer... quero ser enterrado como integralista!’. Ele percebeu, na sua dupla visão, que para comparecer perante Deus, era preciso estar com o uniforme glorioso do soldado de Deus! (A RAZÃO, 12 jul. 1935, p. 5).

Longe de ser tema explorado apenas pelo *A Razão*, rastreamos o falecimento de militantes paranaenses, em relatos dramáticos, também no *A Offensiva*. Em 28 de fevereiro de 1935, o jornal carioca noticiou a morte do integralista João Henrique Costa:

Já affectado há tempos da moléstia que o victmou, Henrique Costa repetia sempre que, si fallecese, desejaria ser enterrado com o uniforme integralista e de acordo com o nosso ritual. Pois na terça-feira referida, a certa hora, sentido-se mal, envervou logo a camisa-verde não demorando a entregar a alma ao creador (A OFFENSIVA, 28 fev. 1935, p. 5).

Com teatralidade semelhante, no dia 20 de abril de 1935, o mesmo jornal divulgou as mortes de Werner Schrappe e Abílio do Vale. “O primeiro teve uma morte emocionante”, como a adjectivou o periódico:

Nos momentos lucidos que lhe precederam a agonia, tendo ao seu lado a sua esposa, a sua filhinha, seus paes e parentes, elle, naquele instante derradeiro da existência, não se esqueceu de seu Chefe Nacional, de seu Chefe Provincial, do Integralismo. Chamou o seu irmão, que é também camisa verde, e pediu-lhe que o auxiliasse a cantar o Hymno Integralista, que morria soffocado na sua garganta. No meio das lagrimas dos circumstantes, mandou chamar o Chefe Provincial dr. Vieira de Alencar. E pouco antes de entrar na agonia, num ultimo esforço, gritou: “Viva Plinio Salgado! Viva Plínio Salgado! (A OFFENSIVA, 20 abr. 1935, p. 1).^{xi}

Do mesmo modo, um idoso de Teixeira Soares, com 74 anos, não tendo tempo hábil para se converter ao Integralismo antes da morte, proporcionou um “scena impressionante de fé integralista”: “chamou todos os seus filhos e, com lagrimas ardentes, pediu-lhes – ‘Meus filhos, entrem no Integralismo. É a ultima vontade de seu velho pae!’ E calou-se, para logo após morrer” (A OFFENSIVA, 09 set. 1937, p. 3).

Talvez a riqueza em detalhes não nos permita duvidar de alguns desses ocorridos, mas não só isso nos leva a acreditar no exposto: o desprendimento do militante, mediante sua condição de entrega ao Movimento, é perfeitamente capaz de gerar tais manifestações. Afinal, que momento melhor que a morte para ‘eternizar’ sua

devoção, vestindo no último instante a camisa verde, cantando o hino integralista ou gritando com a voz rouca e sufocada “Viva Plínio Salgado”?

Se o instante da morte era importante, talvez não fosse mais significativo que aquilo que viria depois: “os integralistas não se esquecem dos mortos. Eles, ao contrário dos materialistas, reconhecem que o homem não é só matéria, mas espírito, alma, aquela coisa sublime que só sabem sentir os espiritualistas” (A RAZÃO, 08 nov. 1935, p. 5). O Integralismo estabeleceu uma reação psicológica, típica de inúmeras religiões, diante da finitude da vida: ritualizou-a no sentido da perpetuidade entre os que ficam,

Entre os rituais ligados ao pós-passamento, estava a “chamada” dos militantes falecidos. Nos funerais ou em ocasiões especiais, um militante chamava o nome do(s) defunto(s), pelo que todos os partidários reunidos respondiam: “presente”.^{xiii} Trata-se, na realidade, de uma egressão intrigante para a aporia da morte: os que morreram, além de integrarem a “Milícia do Além” (uma coisa pouco esclarecida por Plínio Salgado), permanecem vivos em todos os que ficaram. Hannah Arendt, refletindo sobre a experiência da morte e da violência nos campos de batalha, apresentou uma pertinente reflexão que se presta para compreendermos a relação entre a morte e o militante integralista (que nunca deixou de se sentir em um campo de batalha):

No que concerne à experiência humana, a morte indica um extremo de solidão e de impotência. Mas, confrontada coletivamente na ação, a morte muda de feição; agora, nada parece intensificar mais nossa vitalidade do que a sua proximidade. Algo de que nossa própria morte é acompanhada da imortalidade potencial do grupo ao qual pertencemos e, em última análise, da espécie, desloca-se para o centro de nossa experiência. É como se a própria vida, a vida imortal da espécie, alimentada, por assim dizer, pela morte contínua de seus membros individuais, estivesse em “expansão”, fosse realizada na prática da violência (ARENDDT, 2010, p. 87).

Numa cerimônia em homenagem à Heli Van der Broock, militante e líder pioneiro, Secretário Provincial de Organização Política, falecido um mês antes, a atmosfera ritualística foi trazida à cena por uma série de gestos e palavras. Circundado pelos familiares, o Chefe Provincial solenemente se dirigiu até um retrato do falecido coberto pela flâmula do sigma, descobrindo-o. Em seguida, passou a palavra a Jorge Lacerda, que encabeçou a chamada do companheiro “feita por três vezes”; em seguida discursou longamente sobre o “idealista sincero, batalhador incansável e companheiro” Van der Broock:

Naquele momento de profundo ardor cívico todos os olhares, sinceramente humedecidos, fitavam a photographia de Heli, como que, evocando, aquellos dias saudosos em que elle no trabalho quotidiano da S.P. de O.P., emprestava ao nosso movimento, toda a sua attenção e o seu tempo, na certeza de que estava trabalhando pela grandeza de uma Patria que tinha que ser forte e respeitada um dia (A RAZÃO, 22 jun. 1935, p. 4).

Após a fala de Lacerda e de alguns familiares, foi deixado, abaixo de uma fotografia de Van der Boock, um cartão com os dizeres: “HELI! Teu vulto, materialmente desaparecido, projecta-se no écran do futuro, como um modelo às gerações que hão de realizar a redempção do Brasil, ANAUÊ (A RAZÃO, 22 jun. 1935, p. 4).

O Dia de Finados também era oportuno para o Movimento mostrar sua concepção e ritualística em frente aos túmulos. Em 1935, os militantes de Curitiba se reuniram na Sede Provincial às 10 horas para seguirem em marcha aos cemitérios. Visitaram o cemitério Municipal, onde “de accordo com o ritual foi feita a chamada dos companheiros fallecidos, Heli Van Der Broock, Carlos Prochmann Junior, D. Guilermina Miró Alves e Manoel Lopes”; em seguida

Na Cruz das Almas, diante de uma grande multidão, os integralistas impressionaram os que alli estavam, pela profundeza do nosso ritual, rico de fisolofia e de verdade. Identica solenidade foi feita no Cemitério Lutherano, onde se procedeu a chamada do companheiro Werner Schrappe. Dahi, em automoveis, se dirigiram os integralistas ao Cemitério Agua Verde, onde [ilegível] foram lembrados [ilegível] companheiro Luiz Pizzato [ilegível] do Valle e Luiz [ilegível] que naquele campo repousam. No tumulo desses companheiros foram depositadas flores naturais (A RAZÃO, 08 nov. 1935, p. 5).

Além dos próprios militantes, figuras proeminentes da nação, do Estado ou do município, já mortas, consideradas heróis ou “proto-integralistas” (“integralistas antes do Integralismo”), também ganhavam perenidade e poderiam ter seus nomes “chamados” nas sessões ou em praça pública. Uma dessas chamadas ocorreu durante a inauguração do Núcleo Municipal da Lapa, que por sua história recheada de “sangue e heróis” era um prato cheio para os camisas-verdes manifestarem suas afetividades metafísicas:

Do Theatro local, os camisas-verdes acompanhados de grande massa popular dirigiram-se para a estatua do General Gomes Carneiro, onde Jorge Lacerda fez a chama daquelle bravo soldado brasileiro, a que todos responderam “presente”. Essa homenagem calou no fundo do coração do povo lapeano (A RAZÃO, 11 jun. 1935, p. 7).

Em Guarapuava, a 2 de setembro de 1935, Rocha Loures Sobrinho e Roberto Moreira dirigiram uma sessão integralista no cinema local, na qual fizeram a chamada dos “fundadores daquela prospera localidade”. Na verdade, os militantes haviam lido, pouco antes da sessão, um “album sobre Guarapuava” que narrava a vida e “o valor heroico” daqueles indivíduos: “não tiveram duvida em julgal-os como pertencentes às nossas legiões do além” (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 5).^{xiii}

Considerações finais

Num perene esforço para manter acesa a chama passional da militância, os jornais integralistas se utilizaram de inúmeras facetas do discurso emotivo. Algumas vezes, esse discurso se escorava nas próprias atitudes apaixonadas dos militantes, outras, em elucubrações pouco ou nada relacionadas ao mundo real.

As mensagens comoventes aqui expostas fizeram parte do universo do militante integralista paranaense e, certamente, de muitos camisas-verdes do Brasil como um todo. A novela, o tom profético e as representações em torno da morte e dos mortos são apenas três exemplos de um universo simbólico-afetivo ainda pouco explorado pela historiografia do movimento camisa-verde.

Talvez não seja de todo correto atribuir o epíteto de ‘estratégias’ a esses discursos, uma vez que eles não se inscrevem numa artificialidade absoluta. Foram escritos por indivíduos que se encontravam profundamente entregues à causa e à liderança carismática, de forma que se torna difícil, senão improdutivo, para a História, procurar neles uma pura instrumentalização. Não dispensamos com isso a análise dos intrincados caminhos do discurso. Salientamos apenas que, embora Plínio Salgado vislumbrasse um poder afetivo e amorfo na sociedade brasileira e quisesse utilizá-lo, canalizar essa força para os objetivos do Movimento requeria algo mais do que cálculos e táticas discursivas. Requeria antes uma alimentação mútua, uma retroalimentação, por assim dizer, entre a paixão do adepto e a elaboração de mensagens comoventes – principalmente por parte dos jornalistas-militantes do Movimento.

Referências:

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. 3ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
ARENDDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17-149.

GIL, José. Nação. In: *Enciclopédia Einaudi: Estado-Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 276-305.

GONÇALVES, Marcos. *As tentações integralistas*. Um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908-1937). 2009. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GRIFFIN, Roger. The Fascination of Fascism. A Concluding Interview with Roger Griffin. In: FELDMAN, Matthew; GRIFFIN, Roger. *A Fascist Century*. Essays by Roger Griffin. Londres: Palgrave Macmillan, 2008, p. 203-2016.

HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Fontes

A OFFENSIVA, n. 42, Rio de Janeiro, 28 fev. 1935.

A OFFENSIVA, n. 49, Rio de Janeiro, 20 abr. 1935.

A OFFENSIVA, n. 588, Rio de Janeiro, 09 set. 1937.

A RAZÃO, n. 11, Curitiba, 12 jul. 1935.

A RAZÃO, n. 15, Curitiba, 10 ago. 1935.

A RAZÃO, n. 17, Curitiba, 23 ago. 1935.

A RAZÃO, n. 19, Curitiba, 06 set. 1935.

A RAZÃO, n. 20, Curitiba, 17 set. 1935.

A RAZÃO, n. 25, Curitiba, 23 out. 1935.

A RAZÃO, n. 27, Curitiba, 08 nov. 1935.

A RAZÃO, n. 3, Curitiba, 17 mai. 1935.

A RAZÃO, n. 4, Curitiba, 24 mai. 1935.

A RAZÃO, n. 5, Curitiba, 31 mai. 1935.

A RAZÃO, n. 6, Curitiba, 11 jun. 1935

A RAZÃO, n. 8, Curitiba, 22 jun. 1935.

A RAZÃO, n. 10, Curitiba, 05 jul. 1935.

A RAZÃO, n. 13, Curitiba, 30 jul. 1935.

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO PARANÁ. Prontuário 0360, *Antonio Lustosa de Oliveira*, Top. 294, Departamento de Arquivo Público do Estado do Paraná.

MONITOR INTEGRALISTA, n. 18, Rio de Janeiro, 10 abr. 1937.

Notas:

ⁱ Médico e escritor localmente conceituado, hoje patrono da cadeira nº 7 da academia palmense de letras, Alceu de Araújo ganhou rapidamente espaço no *A Razão*. Mais tarde chegaria a publicar alguns de seus textos no *A Offensiva*, do Rio de Janeiro.

ⁱⁱ As citações da novela estão em português de época.

ⁱⁱⁱ Juvenal, adjetivado pelos integralistas como “peão indonito”, fazia em Palmas um incansável trabalho de propagação de material integralista. Caminhava “leguas para disseminar a propaganda integralista, fazendo do seu pingó a tribuna donde grita, vestindo a camisa-verde, à campanha palmeana”, como propagou o *A Razão* (A RAZÃO, 17 mai. 1935, p. 3). Em outra ocasião, o jornal teceu agradecimentos efusivos ao ‘pregador da campanha’: “Cumpra salientar mais uma vez a intrepidez, a coragem e o entusiasmo do nosso Juvenal, o paladino brônzeo da idéia do Sigma, que percorre zonas immensas na propaganda do Integralismo” (A RAZÃO, 31 mai. 1935, p. 5).

^{iv} Ainda não foram estudadas a fundo as relações entre a origem da doutrina pliniana e o Integrismo Católico, surgido em finais do século XIX na Europa e que teve considerável influência no Brasil. Embora não haja qualquer prova de que Plínio tenha se aproveitado do conceito para dar nome à sua Doutrina, algumas semelhanças são evidentes. Primeiramente, os inimigos materialistas da AIB e do Integrismo são praticamente os mesmos; ao mesmo tempo, a proposta pliniana integradora e avessa a certos aspectos da modernidade se coaduna com a definição do Integrismo (ainda que careça de adaptações para o campo político). Segundo Marcos Gonçalves, “o integrismo representa uma atitude no sentido de impregnar de catolicismo todas as esferas da vida social, converter o Estado à égide de um fundamento católico, preocupando-se em atacar e coibir os impulsos verificados nos fenômenos plurais da Modernidade” (2009, p. 35).

^v Como o próprio jornal descreve, “estavam presentes na Universidade, inumeras autoridades civis e militares e lentes cathedraicos”. Estava claro, pela situação, que o entusiasmo dos militantes – que foram cantando *Avante* até a porta da UPR – acirraria os ânimos da imprensa e de alguns participantes da solenidade. A chuva levou a cerimônia da sacada para o Salão Nobre da Universidade, onde Lacerda, vestindo a camisa-verde, discursou: “Ao finalizar a sua oração, o companheiro universitário pediu permissão aos presentes, mesmo aos que tivessem ideias diferentes dos seus, que os academicos integralistas que enchiam completamente o Salão Nobre, levantassem uma saudação ao Brasil e ao Pavilhão Nacional. Esta saudação poderia ser representada por “vivas”, mas os integralistas, ao envez de dizerem “vivas”, dizem “anauês”. Foram levantados então, três vibrantísimos anauês, dentro do salão, saídos das gargantas dos moços integralistas” (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 1 e 6). Alguns catedráticos presentes manifestaram contrariedade ao acontecimento, juntamente com parte da imprensa. O “Diário da Manhã”, ao contrário, publicou o discurso de Lacerda para evitar “interpretações as mais descontraídas”. Passado o burburinho provocado pelos “anauês”, o professor Fernando Azevedo hasteou a bandeira, a convite do Reitor, enquanto “os bravos e intrepidos universitários camisas-verdes, cantaram com os braços estendidos a primeira parte do Hymno da Patria!” (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 1).

^{vi} Alguém poderia argumentar contra nossas assertivas, apontando que se tratava apenas de ‘discurso eloquente’. Aqui pouco importa, até porque lidamos com um movimento fascista (majoritariamente cristão), para o qual discurso e prática tinham o mesmo nível de importância.

^{vii} Gilberto Felisberto Vasconcellos já havia chamado a atenção para o olhar totalitário do Integralismo sobre o constructo de ‘povo brasileiro’: “pouco importa se a ideologia do caráter nacional autoendeusa ou deprecia os atributos de um povo. O componente totalitário é o mesmo. Na doutrina integralista, a imagem abstrata de nossa essência coletiva oscila entre os enunciados pessimistas, de teor apocalíptico, e afirmações laudatórias, ufanistas” (VASCONCELLOS, 1979, p. 63).

^{viii} “No fascínio exercido pela morte no nacional-socialismo, existia [...] a tendência para instalar a presença da morte na própria vida, impregnando-a do desejo de destruição e de auto-destruição [...]. Neste sentido, o nazismo poder ser considerado a consequência extrema deste processo de irradiação dos mortos pelo Estado e da incapacidade de lhes dar um novo lugar na construção simbólica da nação. Assemelha-se a um desvio psicótico (paranoico) do nacionalismo: apanhado pela vertigem da impossível identificação (com outro eu), é levado ao assassinio, sendo incapaz de operar o ‘retorno’ simbólico-terapêutico; procurará, daqui em diante, o seu território no real, na proliferação patológica do seu corpo, na anexação e na guerra de extermínio” (GIL, 1989, p. 301).

^{ix} Essa afirmação, em que se sustenta a destruição ou a punição dos brasileiros não-ínsito ao Movimento, não era exclusiva de Lacerda. Ao contrário, figura em vários outros textos do *A Razão*. Num deles, intitulado “Hora Sinistra” (!), de autoria anônima, o redator ameaçou “todos aqueles espíritos fracos e combalidos, indignos deste século portentoso, porque não possuem a coragem de se afirmar e de suportar a tortura milagrosa dum Ideal [...]”: “Porém, impassíveis como viveram até aqui, serão tragados amanhã, na hora em que se desferir a maior batalha dos tempos, e esquecidos para sempre, ao alvorecer duma nova pátria, que ressurgirá como marco indestrutível duma nova Civilização, dando ao mundo as supremas reivindicações humanas!” (A RAZÃO, 12 jul. 1935, p. 3).

^x O último trecho nos permite identificar uma contradição imanente ao discurso indigenista da AIB: ele se coloca como portador das vozes do passado indígena, mas sua expansão se baseia na imagem dos

bandeirantes paulistas (os maiores assassinos de índios): as vozes são indígenas, mas os jovens são da “Terra de Santa Cruz”, nome dado pelos brancos.

^{xi} Na lápide de Schrappe, no Cemitério Luterano, foi colocado um sigma, arrancado mais tarde, segundo o *A Offensiva*, por “perversos comunistas”. Como de costume, os integralistas organizaram uma cerimônia para a fixação de outro sigma, agora em bronze, doado pelo *A Razão (A Offensiva)*, n. 84, 21/12/1935, p. 3).

^{xii} A oração completa, segundo os protocolos da AIB era a seguinte: “no Integralismo ninguém morre! Quem entrou neste movimento imortalizou-se no coração dos Camisas-Verdes! Ao companheiro fulado de tal três Anauês! E todos respondem: Anauê, Anauê, Anauê!” (MONITOR INTEGRALISTA, 10 abr. 1937, p. 12). Note-se que a exclusão de um integralista do Movimento era considerada também como morte. Na cerimônia de exclusão, parecida com a da “chamada”, uma autoridade dizia: “Integralistas! Nosso companheiro (fulado de tal) é morto”; os presentes respondiam: “seja esquecido” (CAVALARI, 1999, p. 172).

^{xiii} Os “bandeirantes” proto-integralistas eram Antonio da Rocha Loures e o Padre Francisco das Chagas Lima; além deles, foram chamados da ‘outra vida’ na ocasião as “figuras impressionantemente históricas de Pedro Siqueira e Visconde de Guarapuava” (A RAZÃO, 17 set. 1935, p. 5). Obviamente, a atitude pode ser lida como uma estratégia para conquistar a simpatia local, mas aqui suas razões subterrâneas pouco importam.